

- Mesa Redonda -

A Leitura do Humano através do Fazer Musical

MT André Brandalise

Resumo:

Mais do que propor uma forma específica de compreender o fenômeno humano na dinâmica musicoterápica, este artigo pretende refletir acerca do aspecto humano, juntamente com a Música, em um entendimento de buscas simultâneas, por completude e por desenvolvimento. A partir disto, visa possíveis caminhos de Encontros criativos e facilitações no processo de transformação emocional

Palavras-chave: Musicoterapia Musicoterapia Músico-centrada Intervenções clínico-criativas

Abstract:

More than to propose a specific way to understand the human phenomena in the Music Therapy dynamics, this article aims to reflect about the human aspect, along with Music, in an understanding of simultaneous searches, for completude and development. Subsequently, it attempts to point out possible ways of accomplishing creative Encounters and facilitations in the emotional transformation processes.

Keywords: Music Therapy Music Centered Music Therapy Clinical-creative Interventions

Convido o leitor a posicionar-se emocionalmente comigo naqueles momentos que antecedem cada início de processo musicoterápico. No que pensamos? Onde e como nos posicionamos sabendo que uma nova pessoa está por entrar no *setting* onde um infinito de possibilidades encontrar-se-á à disposição das criatividades envolvidas na relação terapêutica que estará por se instalar.

Coloco-me sempre a mesma pergunta, que considero principal: ONDE ESTÁ SONORO-MUSICALMENTE ESTA PESSOA? É minha intenção, sempre, facilitar meu Encontro com esta pessoa na música que ambos estaremos fazendo. Mais do que isto, eu diria. É minha intenção, sempre, encontrar esta pessoa na Experiência Criativa envolvida em nosso “fazer musical”.

Para facilitar este processo de Encontro lanço mão de minha Musicalidade clínica, um conjunto de características que me qualifica

como musicoterapeuta e que me faz capaz de perceber a demanda clínica de alguém e de poder interagir no sentido de facilitar para que esta pessoa consiga realizar o trabalho com suas questões subjetivas podendo vir a elaborá-las. Aqui, o termo “trabalho” significa o encontro de forças de desenvolvimento que tornam-se responsáveis por crescimentos². Entenda-se crescimento bio-psico-social e também o próprio crescimento da peça musical resultante da relação terapêutica.

Este movimento, de duas pessoas envolvidas na dinâmica criativo-musical, ocorre em um espaço que passa a ser ocupado pelas notas musicais. E é onde se dá prioritariamente, na Musicoterapia, a leitura do humano. O filósofo austríaco Victor Zuckerkandl³ diz que “quando ouvimos a nota, experienciamos o espaço” e complementa dizendo que “não é a nota que acontece no espaço, é o espaço que torna-se uma ocorrência através da nota.”⁴

Sou um musicoterapeuta clínico músico-centrado e, como tal, acredito que a música, que emerge da relação terapeuta-paciente, possui forças. E estas forças são capazes de tratar. Acredito ser este um entendimento que caracteriza de forma muito singular o porquê da Musicoterapia. Se não acreditássemos que música fosse capaz de tratar não haveria razão para a existência da prática musicoterápica.

Penso poder encontrar muita resposta acerca deste “poder curativo” da música bem como indicações de “lugares de Encontro” com meu paciente, na relação entre as notas. E volto a pensar no que mencionei anteriormente: possibilidades possíveis de Encontro humano no *setting* musicoterápico, no espaço clínico.

Temos, eu e paciente, inúmeras escolhas frente ao mundo das notas. Nós podemos escolher, em nosso “fazer”, como relacionaremos nota com nota, como decidiremos sobre as alturas delas. Em que Sistema as colocaremos. Estaremos buscando nossos Encontros no Tonalismo, no Atonalismo ou, talvez, em um Centro Modal?

As perguntas sempre surgem e vão sendo respondidas na fluência dos acontecimentos promovidos pelo movimento das relações envolvidas na dinâmica musicoterápica músico-centrada: musicoterapeuta-paciente, paciente-música e música-musicoterapeuta. Todos os três agentes com suas necessidades, com seus desejos. Talvez o leitor pergunte-se como música pode vir a “desejar” uma vez que o desejo é uma qualidade somente encontrada nos humanos? Faz-se necessário, filosoficamente, realizar uma ação chamada de “antropomorfização” para melhor entender tal fenômeno, ou seja, atribuição de qualidades humanas a entidades não humanas.

A nota musical possui uma característica chamada “qualidade dinâmica”. Para Zuckerkandl⁵ “a qualidade dinâmica da nota é a afirmação de sua incompletude; seu desejo por completar-se.” E a nota busca esta sua “falta” a partir de seu relacionamento com outras notas em algum Sistema. Estes relacionamentos de notas, que formam as chamadas “alturas das notas” caracterizam as escalas musicais. Para o musicoterapeuta norte-americano Paul Nordoff⁶, a escala musical possui self criativo. Aqui, mais um importante tópico a ser refletido: a escala musical possui “self”. Mais uma vez a necessidade de antropomorfizarmos o fenômeno. Porém, como entendê-lo?

O musicoterapeuta Gregório Pereira de Queiroz⁷ pergunta-se acerca das “qualidades dinâmicas” das notas: “serão as qualidades dinâmicas versões, no mundo exterior, daquilo em que nossa interioridade denominamos emoção ou movimento da psique?” Penso que Queiroz, através desta significativa questão, indica um importante caminho a seguir acerca da pergunta que me coloquei anteriormente sobre o que seria o self criativo da escala. Então, podemos pensar que as qualidades dinâmicas compõem o self criativo da escala. A partir dos encontros, de nota com nota, forças emergem. São as chamadas FORÇAS DINÂMICAS. Forças ativas nas notas e que tratam. Este fenômeno é o que leva Zuckerkandl⁸ a afirmar que ouvir música não significa escutar notas, mas escutar *nas* notas.

Chego a outro tópico fundamental na reflexão acerca de se pensar o humano no fazer musical e musicoterápico: a MUSICALIDADE. Segundo Victor Zuckerkandl⁹ “...se o homem e a música, existencialmente pertencem um ao outro, e a música é um elemento essencial dos atributos humanos, então o homem sem música não é homem e um mundo sem música não é mundo: ambos homem sem música e mundo sem música são contradições impensáveis.” Sócrates chamava de *Phaedo* a necessidade do homem por música o que influenciou Zuckerkandl¹⁰ a entender o homem como HOMO MUSICUS.

Com certa frequência, ouve-se falar sobre Musicalidade como habilidade somente atribuída aqueles seres humanos que submetem-se a aprendizado de música. Segundo Queiroz¹¹ “a Musicalidade fornece não apenas respostas, mas um meio de atuação para lidar com esses aspectos do interior humano e do mundo.” Para o autor, Musicalidade é uma habilidade que permite ao Homem não somente um relacionamento com a música, mas com o mundo.”

Se pensamos em self criativo da escala (as qualidades dinâmicas das

2 - Zuckerkandl, 1976, p. 318.

3 - 1973, p. 273.

4 - 1973, p. 377.

5 - 1973, 196.

6 - 1998, p. 3.

7 - 2001, p. 46.

8 - 1973, p. 35.

9 - apud Queiroz, 2002, p. 9.

10 - 1976, p. 02.

11 - 2002, p. 18.

notas ativadas via suas relações com outras notas em um determinado Sistema), há que se lembrar do conceito de Musicalidade uma vez que é com esta habilidade que o Homem faz relação com as escalas, com as músicas, com as harmonias etc.

Hoje vejo o musicoterapeuta músico-centrado, a partir da instalação da relação terapêutica, facilitando o surgimento de peças musicais que possuam Integridade Interna, logo, que contenham essências potencializadas clinicamente para atender a demanda do indivíduo que está submetido ao processo terapêutico.

Primeiramente pergunto sobre o que objetiva o musicoterapeuta quando inicia trabalho clínico-criativo? Penso que facilitar a Experiência Criativa de alguém (paciente) no sentido de auxiliar importantes contextualizações e significados. Queiroz¹² acredita que a Experiência Criativa deve “carregar a música de significado”. Explica que “se o significado da música está nas qualidades dinâmicas, então, “carregar de significado” a música, tornar a música artística, é trabalhar criativamente as qualidades dinâmicas para que elas expressem os muitos arranjos e proporções possíveis entre as forças e os fluxos dinâmicos.” O trabalho criativo às qualidades dinâmicas faz com que a MÚSICA SEJA, faz com que apresente seu self à relação terapêutica e à demanda clínica.

Resumindo, proponho relação entre duas novas nomenclaturas para a clínica musicoterápica, importantes quando pensamos em alcançar essências através das intervenções terapêuticas:

- o **self criativo da escala**: expresso através das **qualidades dinâmicas** das notas (como mencionado anteriormente), ou seja, a partir do relacionamento de nota com nota em um determinado Sistema;

- a **essência do Estilo**¹³: apresenta-se através do fenômeno chamado **GROOVE**¹⁴

O que é o *Groove* ou o que significa “Gruvar”¹⁵ clinicamente? Charles Keil¹⁶ diz: “quando tento pensar em que o *groove* representa ou o que está atrás do *groove*, não acredito que exista algo atrás. Acho que é o que é, que o *groove* é o ponto máximo (ultimate thing).” De acordo com o musicoterapeuta norte-americano Kenneth Aigen o *groove* é algo que pertence, como essência, aos estilos musicais. Diz: que “os estilos manifestam o *groove* através de diversas variações sutis na performance.”¹⁷ Segundo Feld¹⁸, “entrar no *groove* também descreve uma participação com

muito sentimento, um engajamento físico e emocional muito positivo...um *groove* é um lugar confortável para estar.” E por que não dizer que o *groove* é um lugar confortável para também se poder SER?

Enfim, proponho etapas da construção clínico-musical, que envolve a relação terapeuta-paciente-música, nas quais faz-se a constante avaliação dos processos musicoterápicos o que significa dizer que é onde encontra-se a resposta à pergunta inicial sobre “ONDE ESTÁ A PESSOA SONORO-MUSICALMENTE”:

1) quanto à relação das notas

A relação terapêutica (paciente-terapeuta), e as Musicalidades envolvidas, decide sobre seleção e combinação de notas musicais. Esta ação visa fazer emergir as qualidades dinâmicas das notas e, conseqüentemente, ativar as forças dinâmicas para o tratamento.

2) quanto à organização melódica e sua relação com um determinado Sistema

A percepção sobre o Sistema implica em perceber se há algum tipo de Centro norteador, na música, ou não. A relação terapêutica estará produzindo Temas musicais.

3) quanto à busca pelos Fragmentos de Temas clínicos (FTCs) ou Temas clínicos (TCs)

Os temas musicais, trabalhados clinicamente, geram Fragmentos de Temas Clínicos (FTCs) e/ou Temas Clínicos (Tcs).¹⁹

1) “*Fragmento de Tema Clínico*” (FTC): todo e qualquer material sonoro, que mobilize o paciente, e que preceda uma organização mais formal (ex.1.: um intervalo melódico de terça menor antes de ser colocado em uma frase musical, em um contexto musical; ex.2.: o som de uma sirene). É a detecção do que chamo “Força Essencial” que auxiliará a transformação do indivíduo.

A detecção do que a teoria Nordoff-Robbins chama de:

2) “*Tema Clínico*”²⁰ (TC): penso o “Tema Clínico” como sendo determinado contexto musical (geralmente uma ou duas frases musicais), com o qual o paciente interage de forma bastante particular. Entendo a detecção do Tema Clínico como sendo 1) área musical, reconhecida pelo paciente, que contém as “Forças Essenciais” e que são potencializadas pela forma; 2) a detecção simultânea do que chamarei de “*área de incisão clínico-musical*” bem como detecção da 3) “*lupa sonora*” (promoção da

12 - 2002, p. 50.

13 - Os Estilos musicais, em inglês *IDIOMS*, e seus usos clínicos são muito valorizados atualmente pela abordagem Nordoff-Robbins fazendo parte dos estudos na formação do musicoterapeuta clínico. O ESTILO MUSICAL: 1) apresenta convenções; 2) possui essência; 3) possui “benefícios intrínsecos”; 4) possui a chamada “autêntica realização” (Aigen, 2002, p. 44).

14 - GROOVE: específico estilo de vida (Oxford Advanced Learner's Dictionary, 1994, p. 550).

15 - Tradução do autor.

16 - Apud Aigen, 2002, p. 33.

17 - Id. Ibid.

18 - Apud Aigen, 2002, p. 34.

19 - Brandalise, 2001, p. 34.

20 - Termo, criado pela teoria Nordoff-Robbins, que não possui definição específica.

ampliação da escuta e do olhar musicoterápico), ou seja, uma vez que o Tema Clínico tenha sido reconhecido pelo paciente e lido pelas lentes do musicoterapeuta o mesmo terá o instrumento (lupa sonora) para, então, realizar inserção clínico-musical em áreas mais aprofundadas da Identidade Sonora do indivíduo com o qual trabalha.

Detectar uma “área de incisão sonora” (identificando o Tema Clínico) implica em um alcance com maior precisão a uma determinada área da Identidade Sonora de um indivíduo. Segundo Jourdain “a música exige tons que tenham altura e duração fixas. Estas proporcionam os pontos de ancoragem entre os quais um cérebro descobre relações.”²¹

4) quanto à potencialização dos FTCs ou TCs detectados em forma musical

Os Temas clínicos (TCs) são potencializados com estruturação da forma musical (canção, rondó, sonata etc.). Ocorre a potencialização das forças dinâmicas.

5) quanto ao Estilo musical

As formas recebem o estilo, de onde emerge o *groove*, a partir da demanda clínica do paciente.

Em outras palavras, será sempre nas notas o local prioritário dos Encontros criativos entre paciente e terapeuta. E é com e nas notas que se pode fazer a leitura do chamado fenômeno musicoterápico envolvendo necessidades por completudes.

Nesta dinâmica não há receita. Há, isto sim, inúmeras possibilidades que indicam justamente as infinitas escolhas possíveis à relação terapêutica nos âmbitos da saúde e da criatividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIGEN, Kenneth. *Playin' in the band*. New York University Reprographics: NY, 2002.
- BRANDALISE, André. *Musicoterapia Músico-centrada*. São Paulo: Apontamentos, 2001.
- JOURDAIN, Robert. *Música, Cérebro e êxtase*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1997.
- QUEIROZ, Gregório José Pereira de. *Alguns aspectos da musicalidade e da música de Paul Nordoff aplicados em crianças portadoras de múltiplas*

deficiências. Monografia apresentada para a conclusão do curso de pós-graduação *latu sensu* em Musicoterapia pela faculdade Paulista de Artes: SP, 2002.

ROBBINS, Carol; ROBBINS, Clive. *Healing Heritage: Paul Nordoff Exploring the Tonal Language of Music*. EUA : Barcelona Publishers, 1998.

ZUCKERKANDL, Victor. *Sound and Symbol: Music at the External World*. EUA: Princeton University Press, 1973.

_____. *Man the musician*. EUA: Princeton University Press, 1976.